



FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE - FANESSE
ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E PESQUISA “GRACCHO CARDOSO”

MONIQUE SILVA REZENDE

**A DIDÁTICA DA TRADUÇÃO DE LÍNGUA INGLESA NO
ENSINO MÉDIO**

ARACAJU

2017

MONIQUE SILVA REZENDE

A DIDÁTICA DA TRADUÇÃO DE LÍNGUA INGLESA NO
ENSINO MÉDIO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe – FANESE como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de Especialista em Tradução, Interpretação e Ensino de Língua Estrangeira.

Orientador: Prof. Ma.Tânia Regina Carvalho Santos Leite

ARACAJU

2017

1.INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, alguns autores se dedicaram a discutir sobre a tradução, uma vez que, parte deles, considerando a intervenção de fatores socioculturais e contextuais na comunicação, acredita que ela represente muito mais que um processo de transferência entre línguas, mesmo que essa tenha, desde a sua origem latina, tal conotação. No plano didático, a tradução continua a gerar debates entre estudiosos que defendem ou rechaçam o seu emprego nas aulas de Língua Estrangeira.

Enquanto recurso didático, a tradução está vinculada ao primeiro e mais duradouro método de ensino de línguas, o *Grammar Translation*, que ficou conhecido no Brasil como Método de Gramática e Tradução. Diversos profissionais de educação concordam em banir o método da sala de aula, já outros interessam-se pela sua utilização e acreditam que apenas a forma com que tem sido empregado, exclusivamente para fins gramaticais, o torna inadequado ao ensino de línguas.

Esse estudo consiste na análise da tradução de Língua Inglesa enquanto recurso didático no Ensino Médio (EM) a partir das experiências em sala de aula, contextualizando-as às teorias que as fundamentam. Tratam-se também de propósitos da pesquisa examinar o uso do método *Grammar Translation* no ensino de língua estrangeira, descrever práticas de tradução ocorridas em aulas de Língua Inglesa (LI) e verificar possíveis relações entre atividades de tradução e aprendizagem desta língua. Logo, seu objetivo não é somente ilustrar possibilidades de trabalho didático relacionados à tradução no EM, mas discutir possíveis efeitos desse tipo de atividade sobre a aprendizagem de LI.

Para efeito de contextualização da pesquisa, inspirada no meu cotidiano escolar, declaro que sou professora de Língua Inglesa há quatro anos, ao longo dos quais lecionei no ensino regular, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, e também em curso de idiomas. O grupo de alunos que participa da pesquisa é formado por jovens com histórico escolar na rede pública, que não possuem o conhecimento aprofundado da referida língua estrangeira e tão pouco sobre estratégias de tradução.

Dado o meu envolvimento profissional com questões pertinentes ao âmbito escolar e ao ensino de Língua Inglesa, coube a mim a curiosidade em investigar a abrangência

das atividades tradutórias do ponto de vista didático. Embora esse tipo de atividade sempre conste no meu planejamento anual, me senti instigada a intensificar essa prática em sala de aula a fim de buscar respostas acerca do tema no contexto do ensino básico.

Por fazer parte da elaboração do TCC referente a um curso de especialização, este recorte específico sobre o ensino de Língua Estrangeira é interessante, sobretudo, aos profissionais da área que se dispõem a verificar potencialidades no trabalho com tradução. Torna-se relevante, ainda, à medida que instaura um diálogo entre teoria e prática em uma esfera onde há carência desse tipo de associação, visto que é uma queixa comum em cursos de formação de professores, por exemplo, a ausência de situações práticas, de exemplos reais a serem vislumbrados, pois muitos estudiosos jamais regeram uma sala de aula.

O presente artigo estrutura-se sobre mais quatro seções, sendo, a próxima, a responsável por caracterizar os eventos que compuseram o perfil desse estudo, relacionados ao referencial teórico específico. Subsequentemente, serão descritos os procedimentos metodológicos aplicados para a dissolução da problemática previamente estabelecida e averiguação de resultados, incluindo as fases de preparação, execução e análise. O artigo abrange, ainda, a explicitação e discussão dos resultados obtidos através da pesquisa empreendida, além das considerações finais.

2.METODOLOGIA:

A pesquisa realizada classifica-se como abordagem qualitativa do tipo etnográfica. Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares através do contato direto do pesquisador com a situação, procurando compreender os fenômenos de acordo a perspectiva dos sujeitos estudados. Segundo Goldenberg (2003), a pesquisa etnográfica consiste de descrições detalhadas com a finalidade de compreender seus objetivos em seus próprios termos. Este tipo de pesquisa baseia-se no contato direto entre o pesquisador e a situação pesquisada, permitindo um estudo do cotidiano escolar do aluno e permite refletir a respeito de situações impróprias. Para Demo (2004, p. 37)

a pesquisa etnográfica “visa a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade”.

A investigação foi realizada numa instituição pública de ensino básico, que compreende o Ensino Médio regular e, mais recentemente, o Ensino Médio Integral. Fundado em 1980, a escola localiza-se na zona urbana do município de Nossa Senhora da Glória, no sertão sergipano, e atende, hoje, a aproximadamente 700 alunos do próprio município e cidades circunvizinhas. Em relação à infraestrutura, além das onze salas de aula, a instituição conta com um refeitório, uma quadra poliesportiva e dois laboratórios, de informática e científico, a fim de atender às demandas da comunidade escolar.

Desse estudo realizado nas dependências de uma escola da rede estadual, participaram 28 indivíduos, sendo 15 deles do sexo masculino e 13 do sexo feminino, com idade entre 16 e 22 anos. Os critérios adotados de inclusão dos participantes foi estarem devidamente matriculados no 2º ano do EM regular da instituição, com frequência superior a 80% e a verificação de sua predisposição em participar da pesquisa.

A etapa inicial desse estudo é um passo fundamental na construção efetiva de um protocolo de investigação e da base de conhecimento acerca de um tema proposto: a pesquisa bibliográfica. Útil desde a verificação do quão interessante é empreender tal pesquisa até o enquadramento da mesma e a descoberta de técnicas utilizadas em investigações semelhantes.

As fases da pesquisa de campo requerem, em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. Ela servirá, como primeiro passo, para se saber em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto. Como segundo passo, permitirá que se estabeleça um modelo teórico inicial de referência, da mesma forma que auxiliará na determinação das variáveis e elaboração do plano geral da pesquisa. (MARCONI e LAKATOS, 2003, p.186)

Quanto à literatura pertinente ao objeto investigado, convém mencionar que foram levantadas fontes teóricas distintas, como livros, dissertações e artigos científicos que tratam da relação entre tradução e ensino de línguas e, corroboram, portanto, para dar ênfase a esse trabalho. A fase de preparação teve início com a releitura de grande parte do material apostilado a que tive acesso durante o curso de especialização, pois a maioria se tratava de compilações, o que facilitou o acesso às informações importantes, e, ao mesmo tempo,

revelavam o ponto de vista de uma ampla diversidade de autores acerca do assunto que eu estava explorando.

A técnica de observação, que, no caso, ocorreu de forma direta e sistemática, representa um instrumento básico da pesquisa científica e embora possua limitações, bem como outras técnicas de pesquisa, ela “permite a evidência de dados não constantes do roteiro de entrevistas ou de questionários.” (MARCONI E LAKATOS, 2003, p.191) De acordo com os autores:

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social. (IDEM, IBIDEM)

Após serem coletados, os dados foram submetidos a um exame minucioso a fim de evitar falhas, inconsistências, distorções, falta ou excesso de informações que pudessem interferir no resultado e, assim, comprometer o estudo. A tabulação dos dados foi realizada com a utilização de recursos computacionais a fim de conferir mais clareza e agilidade ao processo de interpretação. Decorreu, a seguir, a análise e a interpretação dos dados tabulados, que são procedimentos interligados e correspondem a uma etapa analítico-descritiva. Em posse das informações necessárias, estas foram relacionadas à teoria pertinente ao objeto de estudo, possibilitando confirmar ou refutar hipóteses, para posterior apresentação dos resultados obtidos.

3.DESENVOLVIMENTO

3.1. Definição, importância e tipos de tradução:

O ato de traduzir é uma das atividades mais antigas da civilização ocidental. O termo traduzir deriva do latim *trans* que significa mais e *ducere* que significa guiar, conduzir. Assim, *traducere* originalmente significava levar alguém pela mão de um lugar para outro. De acordo com o dicionário Aurélio, traduzir significa passar (uma obra) de uma língua para outra, exprimir, interpretar. Assim, a tradução compreende a interpretação do significado de um texto em uma língua (texto de partida) e o transforma em um novo texto em outra língua, mas que seja o mais fiel possível ao texto original. Assim, “traduzir, por conseguinte, seria tomar as palavras em mãos e saber coloca-las convenientemente onde devem ser colocadas” (SABBÁ GUIMARÃES, 2010, p. 94)

Segundo Gabriel Garcia Marques (apud BASSNETT, 2011, p.160) “traduzir não é apenas o melhor e mais rigoroso tipo de leitura, mas também, de todas as atividades literárias, a mais difícil e a menos reconhecida. Para Bassnett, tradução não é apenas uma atividade linguística, mas também uma forma de comunicação intra e inter-cultural. Em outras palavras, tradução não apenas uma mera transferência linguística, mas uma atividade cross-cultural. De acordo com a autora, os aspectos culturais deveriam é um aspecto relevante nos estudos tradutórios. Ronai corrobora com a visão da tradutora inglesa ao constatar que “uma das mais importantes razões de ser tradução [é] permitir às pessoas formular ideias sobre a maneira de viver e sentir das que vivem em outras partes do mundo’ (IDEM, 1981, p.50)

Para Sabbá Guimarães (2010, p. 88), “transladar é demudar”. Traduzir seria, então, “tomar outra vestidura através de outras palavras e podendo traçar uma *scriptura* diferente sem fazer dessa palavra diferente um outro *lógos* que estabeleça diferença”. Assim sendo, a tradução tem a missão de elaborar um texto a partir de um texto estrangeiro, sem, contudo, modificar sua essência cultural e linguística. Esta mesma ideia é discutida por Venutti (1996) ao definir tradução como um ato de violência. Para o autor, no processo tradutório, há uma substituição forçadas das diferenças linguísticas e culturais de um texto estrangeiro para um texto que seja linguística e culturalmente inteligível para o leitor da língua alvo, que por sua vez, deverá assimilar através dos aspectos culturais da língua alvo, seus cânones e tabus, seus códigos e ideologias.

É inegável a importância da tradução para a formação e desenvolvimento do ser humano em sua caminhada civilizatória. A tradução tem sido responsável pela disseminação do conhecimento. Segundo Sabbá Guimarães (2010, p. 75), “ninguém duvida da importância da tradução e suas teorias quando ela significa uma ponte que liga dois pedaços desunidos de uma mesma natureza que precisam ser conhecidas”. Sua relevância tem sido atestada não

apenas nesta era intensamente globalizada. A tradução tem pavimentado o caminho que permitiu a interação entre povos e nações com diferentes línguas e culturas, facilitando a troca de experiências e a expansão de avanços em diversas área do conhecimento.

Com o avanço e crescimento da internet e da tecnologia de comunicação, é relativamente fácil atingir um público que está a quilômetros de distância, no entanto, este alcance só é possível graças à tradução. A tradução tem beneficiado a propagação e interação do conhecimento em diversas áreas, contudo, uma área que mais tem se beneficiado com arte de traduzir é a literatura. De acordo com Bassnett (2011), a tradução tem uma importância central na literatura devido a influência que exerce sobre autores em seu processo criativo. A autora explica que a tradução de obra literária permite que novos leitores tenham acesso a este novo e diferente texto, inspirando-os a lançarem-se em suas próprias jornadas, adaptando esta leitura a um contexto mais pessoal, reconhecendo suas próprias histórias e tradições.

Assim sendo, a tradução tem sido protagonista na propagação do conhecimento produzido pelo homem em diversos momentos de sua história, permitindo a comunicação entre povos com culturas e tradições diferentes. Não obstante, também tem inspirado o processo criativo de autores ao permitir o acesso e a interação de obras literárias produzidas em épocas e línguas diversas.

Analisando proposições teóricas a respeito da tradução, é comum nos depararmos com a discussão sobre duas perspectivas de tradução, a literal e a livre, sem que uma tenha conseguido, ao longo dos anos, se sobrepor à outra. Enquanto a tradução literal está ligada ao conceito de fidelidade, a livre associa-se à ideia de busca pelo sentido, ainda que não haja equivalência linguística. Para Souza (1998, p.52), tanto a tradução literal, centrada na forma, quanto a livre, centrada no sentido, são representações legítimas de tradução. Sendo assim, “o tradutor pode focalizar sua atenção em uma ou outra dessas duas modalidades de tradução, sem, contudo, supervalorizar uma alternativa em detrimento da outra.”

Por muito tempo foi reforçado o mito da intradutibilidade, ancorado em argumentos como a falta de sensibilidade dos tradutores a questões identitárias, o que supostamente fazia com que estes acabassem mudando o sentido original do texto, além da afirmação de que poesias, por exemplo, eram essencialmente intraduzíveis, pois tratava-se de algo impensável a tarefa de captar com exatidão a mensagem cujo autor pretendia transmitir. No entanto, partindo das reflexões de Jakobson (1971), Souza expressa que:

Em suma, não existe equivalência total entre as línguas no nível da forma, mas existe equivalência no nível do conteúdo comunicativo. Em outras palavras, cada língua é um sistema *sui generis*, um código próprio, com suas próprias formas e regras, mas é também, ao mesmo tempo, um sistema de comunicação, o que torna possível a tradução. (IDEM, IBIDEM, 1998, p.53)

Em muitas ocasiões a natureza da tradução é comparada à natureza da leitura por ambas dependerem do saber linguístico, mas também do extralinguístico para serem, de fato, concretizadas, o que esclarece, portanto, a tradução não ser apenas uma questão de encontrar na língua de chegada um termo substituto para aquele da língua de partida, mas um processo de interpretação. Sob essa perspectiva, Souza utiliza o modelo de leitura de David Eskey para mostrar que o ato tradutório, assim como o de ler, envolve interação do tradutor com o texto e além da substituição, converge para a produção de significados.

3.2. Tradução Aplicada ao ensino de Língua estrangeira: O Método *Grammar Translation*.

O ensino de LE passou por diversas mudanças desde que foi instituído devido ao surgimento de novas abordagens e correntes metodológicas que variavam de acordo com as habilidades que se propunham a desenvolver e com os objetivos que almejaram atingir. O primeiro método, o de Gramática e Tradução (GT), surgiu na época do Renascimento devido ao interesse em instruir aprendizes à leitura de textos literários e/ou religiosos de origem grega e latina e consistia no ensino de regras e exceções do idioma através de explicações na língua materna.

O Método Direto (MD), cujo foco principal era a comunicação oral em língua estrangeira, começou a gozar de prestígio no início do século XVI, razão pela qual o uso do método GT começou a ser evitado e substituído por ele. Uma reação dos americanos ao estabelecimento do MD deu origem ao Método de Leitura (ML), uma proposta de

combinação entre o GT e o MD, onde, do primeiro método se extrairia o trabalho com técnicas de leitura e com a expansão de vocabulário necessários à compreensão textual e, do segundo, apenas os aspectos fonológicos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, diante da necessidade de formar falantes fluentes de várias línguas estrangeiras em um curto período de tempo, surgiu o Método Audiolingual (MA), que foi aprimorado pelas instituições interessadas na experiência para o ensino de línguas. Algumas de suas premissas são a ênfase na língua oral e a formação de hábitos, onde o aluno aprende a língua através da repetição.

O aparecimento da Abordagem comunicativa, no século XX, também teve grande impacto para o ensino de línguas, salientando o aspecto semântico em detrimento do código fixo. Através dele é ensinado que o desenvolvimento de uma competência estratégica - saber como usar a língua para se comunicar - pode ser tão ou mais importante de que a competência gramatical. (LEFFA, 1988)

Mesmo com todas essas fases e apesar das críticas feitas ao primeiro método de ensino de LE que se tem conhecimento, o *Grammar Translation* ou Método de Gramática e Tradução ocupa posição consolidada na didática de professores por todo o mundo. Leffa (1988) refere-se a três passos fundamentais para a aprendizagem de línguas de acordo com essa vertente, que são: a memorização prévia de vocabulário, o conhecimento das regras necessárias à construção de frases e exercícios de tradução.

Após evoluírem os estudos sobre tradução, compreende-se que a prática tradutória não implica em equivalência linguística, mas dialoga com culturas e variedades linguísticas diversas, considerando a heterogeneidade linguística e social. Na literatura brasileira, alguns pesquisadores assumem posições a respeito da tradução, trazendo discussões valiosas acerca do objeto pesquisado e o redimensionando enquanto instrumento de ensino de LE.

Pontes & Duarte (2015) defendem claramente a tradução como ferramenta de ensino de língua estrangeira, porém, contestam com veemência o modo como tem sido aplicada em sala de aula. Os autores explicitam que “é inadequado descartar o uso da tradução nas aulas de línguas estrangeira” e que “a tradução não se limita a um processo de transferências de palavras, pois no processo tradutório essa reexpressa seu sentido dentro de um contexto comunicativo, sentido este, produzido por meio da confluência de elementos linguísticos e extralinguísticos.”

Não se deve considerar, portanto, a tradução como uma atividade mecânica que reflete empobrecimento didático. O texto de Giesta (2011) refere-se a ela como recurso importante para o desenvolvimento de habilidades, visando o crescimento profissional e estabelece uma relação íntima e benéfica entre a tradução e a leitura.

A leitura de textos em LE, veiculando conteúdos específicos e temáticas significativas ao leitor podem, por vezes, em situações de ensino, exigir que sejam traduzidos. A leitura e a tradução podem suscitar percepções críticas diferenciadas no plano linguístico, na interpretação dos textos e nas novas conexões que estes trarão na articulação com os conhecimentos de mundo do leitor. (IDEM, IBIDEM, p.2)

No que tange as habilidades a serem desenvolvidas no ensino de Línguas Estrangeiras no ensino médio, as OCEM (Orientação Curricular do Ensino Médio) focalizam a leitura, a prática escrita e a comunicação oral contextualizadas. Em suas explicações, este documento reflete preocupação no que se refere à habilidade dos alunos em compreender textos em LE:

Em muitas décadas de estudos sobre leitura, surpreendem os resultados que indicam ainda insuficiência na compreensão de textos. Esses resultados suscitam algumas reflexões e ponderações. Uma delas refere-se à hipótese de que os alunos poderiam ter obtido resultados piores, se não fosse pelos trabalhos de leitura que há décadas se desenvolvem no ensino fundamental e no ensino médio brasileiros. (OCEM, p.112)

A utilização da gramática, base do método *GrammarTranslation*, é tida como parte imprescindível ao uso da linguagem e, apesar da sua essência normatizadora, propõe-se desvinculá-la do conceito de sistema abstrato e código fixo e submetê-la a um processo de “recontextualização” (OCEM *apud* GEE, 1986, 2000) de modo que o seu ensino se torne tolerante à heterogeneidade e adapte-se aos novos contextos de uso.

Mark Ridd (2000) encara a tradução como atividade essencialmente contrastiva que permite conscientizar o aprendiz de uma língua estrangeira próxima da língua materna das coincidências e diferenças, permitindo uma aprendizagem mais eficaz, conforme o

próprio autor declara na apresentação de uma das obras da qual é o organizador. De acordo com o autor, (2000) a relevância dada por ele ao uso da tradução no ensino de LE: possibilita que o aluno perceba, através da comparação e contraste, particularidades de sua língua e da que está aprendendo; o estudante pode tornar-se capaz de traduzir também fora da sala de aula; oportuniza o uso de material autêntico pelos professores e desafia a intelectualidade do aluno; resulta em melhor domínio de novo vocabulário.

É apontado como mais um defeito do método a ausência de qualquer uso prático, ou seja, além de tirar do aprendiz o papel ativo, torna-se para ele extremamente cansativo e monótono, mas para Ridd (2005) a tradução contribui para que o aluno se torne mais participativo em sala de aula, autônomo ao escolher o seu modo de trabalho e crítico, desenvolvendo uma visão mais equilibrada da cultura da LE e evitando estereotipá-la.

Enquanto isso, outros autores rechaçam o emprego de atividades de cunho gramatical no ensino de LE, como no caso de Leffa (1988) que trata da Abordagem da gramática e da tradução (AGT), dissociando-a do conceito de “método” e, embora não haja ênfase na análise de sua eficácia, demonstra um tom depreciativo ao descrevê-la como uma abordagem cuja única meta é a memorização de palavras e o conhecimento de regras do idioma, em que “pouca ou nenhuma atenção é dada aos aspectos de pronúncia e de entonação”, inclusive por parte do professor.

O uso da língua materna inerente ao método é um dos aspectos que causam aversão aos críticos do *Grammar Translation* por estar frequentemente associado à ideia de falta de domínio oral da língua estrangeira por parte do professor. Leffa (1988) e Rivers (1975) ressaltam que o fato de o estudo da forma escrita se sobrepor a questões de pronúncia e entonação implica em negligenciar a comunicação.

Rivers (1975, p.16) é ainda mais crítica nas suas considerações a respeito do método GT e do que se esperar dele quando declara que “o aluno médio tem que trabalhar arduamente naquilo que ele considera tarefa penosa e monótona”. Em ocasião alguma ocorre à autora a possibilidade de adaptá-lo para fins mais específicos que não seja “inculcar o entendimento de gramática expresso em termos tradicionais e treinar o aluno a escrever corretamente”, chegando a atrelar a visão positiva do uso do método ao fato deste, segundo a autora, fornecer “aulas prontas” a professores que não têm o hábito de planejá-las.

Para Rodgers e Richards (2014), opositores à permanência do *Grammar Translation* nas salas de aula, “não há literatura que ofereça uma lógica ou justificativa para

ele ou que tente relacioná-lo a questões de linguística, psicologia ou teoria educacional” (p.07). Segundo o autor, algumas razões de este método ser ainda aplicado é o pouco domínio da linguagem oral pelos professores, além de dar a esses a sensação de exercício da autoridade, funcionando satisfatoriamente em turmas grandes.

O *Grammar Translation* que concebemos na atualidade não é mais representado pelo aluno debruçado em listas de exercícios normativos e traduções de diálogos artificiais e frases desconectadas para atender a uma demanda do professor. Tais profissionais, desejosos em promover um ensino eficaz têm evitado tais atividades esvaziadas de sentido, substituindo os textos puramente didáticos, aqueles com repertório verbal limitado, por textos autênticos com indicação das fontes, cujos temas possam ser, de alguma forma, relacionados à realidade do seu público-alvo ou figurem entre as suas áreas de interesse.

3.3. A tradução e a aprendizagem de Língua Inglesa:

A tradução, assim como o ensino e a aprendizagem de línguas, vem sendo praticada desde os primórdios da civilização humana, contudo, a discussão sobre o contato e o diálogo entre ensino e aprendizagem é mais recente. Arrojo ressalta a importância das concepções teóricas para o tradutor/ aprendiz, pois permitem a ele "compreender melhor e refletir criticamente sobre a natureza de seu trabalho", fornecendo um instrumental que o auxilia a resolver suas questões práticas (1986, p. 78).

O ato tradutório pode ser exercido através de diversas abordagens. Hurtado (2001) propõe classificar as abordagens teóricas dos Estudos de Tradução em cinco grupos, ressaltando que não se trata de considerá-las como categorias estanques, mas da perspectiva da predominância: abordagens linguísticas abordagens textuais abordagens cognitivas abordagens comunicativas e socioculturais abordagens filosóficas e hermenêuticas. Para o ensino de linguísticas.

No estudo proposto que busca relacionar o papel da tradução no processo de ensino/aprendizagem da Língua Inglesa, será investigado de forma mais intensa as

abordagens linguísticas e textuais. Hurtado (2001) explica que as abordagens linguísticas aplicam modelos procedentes da Linguística e têm como foco principal a descrição e comparação de línguas, sem entrar em problemas de índole textual. Para o autor, dentro das abordagens linguísticas existem diversas tendências como as que usam categorias da gramática tradicional para a comparação entre dois idiomas, assim como as que se valem da estilística comparada e também as que efetuam comparações gramaticais com base em teorias da gramática oracional e as que enfocam a comparação semântica.

A respeito das abordagens textuais Hurtado (2001) afirma que este tipo de abordagem, em vez da comparação entre línguas, trabalha com a comparação entre textos. Outros representantes destas abordagens acrescentam aos aspectos intratextuais da análise também aspectos extratextuais que intervêm na tradução.

Segundo Rodrigues, a linguística aplicada à tradução “podem, juntas, tentar modificar a estrutura de ensino, buscando uma abordagem que enfoque o uso real da linguagem”. A autora afirma ainda que utilizar a abordagem linguística não significa que “se o aluno aprende as normas, as regras abstratas, terá nas mãos a chave para a compreensão da língua e todo o restante seria acessório ou suplementar”. É inquestionável que no ensino de LI, assim como no ensino de qualquer outra língua estrangeira, o professor não pode e não deve se concentrar em uma única abordagem ou em um único método de ensino.

Entretanto, a abordagem linguística da tradução permite ao aluno iniciante de uma língua estrangeira elaborar um estudo comparativo entre línguas diferentes e assim refletir sobre sua própria língua. A abordagem textual, por sua vez, permite ao aluno comparar textos que apresentam aspectos culturais e sociais diversos dos seus, proporcionando uma troca de experiências que só o ato tradutório poderia permitir.

4. ANÁLISE DE DADOS:

4.1. Descrição de práticas de tradução na aula de Língua Inglesa:

Para a realização deste estudo, seguiu-se o planejamento de uma sequência didática com ênfase em tradução composta por 7 aulas de 40 minutos, dirigida a alunos do 2º ano do ensino fundamental e em consonância com o meu plano de trabalho anual, enviado à escola, que tem como conteúdos estruturantes a leitura e a escrita como práticas sociais. Foram selecionados alguns materiais, a maioria impressa, mas autênticos em sua totalidade, para subsidiar as atividades que seriam empreendidas ao longo da sequência didática; textos de diferentes gêneros, como notícia, letra de música e trechos de artigos redigidos em Língua Inglesa, além de um vídeo que correspondia a um episódio de uma série americana. Um dos artigos de que dispomos estava, inclusive, contido no próprio livro didático adotado pelo colégio pelo terceiro ano consecutivo, o *WAY to Go!*.

Na primeira aula da sequência didática, quando pedi que os alunos dissessem o que lhes vinha à mente quando o assunto era tradução, houve uma série de declarações básicas, como “passar de uma língua para a outra” e “escrever do Inglês para o Português”. Mas a discussão realmente começou quando chegamos ao “Google Tradutor”, pois, para minha surpresa, em meio aos simpatizantes da tão famosa ferramenta, alguns alunos se mostraram desconfiados e, melhor, críticos, em relação a ela. “Não traduz direito” e “Fica sem sentido”, disseram os que não o viam como uma boa alternativa.

Explanei sobre o fato de eles traduzirem em muitas ocasiões em sala de aula e talvez não terem consciência disso, uma vez que o livro de Inglês que recebem para acompanhamento das aulas, por exemplo, é praticamente todo escrito na língua alvo, exceto algumas considerações nas páginas finais. Além disso, muitas das orientações que eu dou, dos exemplos orais, que eles conseguem compreender, também pode ser considerado uma espécie de tradução.

Logo depois, quando perguntaram se eu permitiria a utilização de aplicativos e tradutores online na execução das atividades que proporia, eu respondi que não o proibiria, mas delimitaria esse uso durante as aulas, e assim o fiz, percebendo, desde então, que o assunto “ferramentas digitais” ainda ressurgiria muitas vezes.

Em uma nova etapa da sequência didática, os alunos foram incumbidos da tarefa de traduzir, somente com o auxílio de dicionários bilíngues, a letra da música Viva la Vida, da banda britânica *Coldplay*. A canção, cuja letra contém a repetição da estrutura *Used to*, conteúdo já estudado, foi executada uma vez na sala de aula como forma de estimular o interesse, mas também pude perceber, durante o andamento da atividade, as demonstrações de preocupação com o prazo que possuíam para concluir a proposta.

A preocupação tinha razões de existir, pois o lento manuseio do dicionário, a pouca habilidade para construir as frases e, para alguns, a própria falta de vocabulário da língua inglesa, foram empecilhos à finalização da atividade. Mesmo assim, na oportunidade, priorizei o que eles haviam conseguido produzir naquela aula, tecei algumas considerações sobre o excesso de literalidade de determinadas traduções e ressaltéi a iniciativa daqueles que não se conformaram com as construções sem sentido geradas pelo significado independente das palavras fornecido pelo dicionário e procuraram adequá-las.

Traduzir o depoimento escrito de um adolescente de 15 anos, extraído de um livro sobre distúrbio alimentar juvenil, um texto curto, com uma linguagem simples e objetiva, típica da faixa etária do autor, seria, talvez, o componente mais fácil da sequência. Contudo, acredito ter sido o mais desafiador, uma vez que não puderam contar com o auxílio de nenhum recurso impresso ou tecnológico para a execução dessa atividade.

O texto, que começava com *“What’s the problem? I like to eat.”* originou diversas versões, algumas bastante criativas, e promoveu o engajamento dos alunos, que não demoraram tanto dessa vez e conseguiram concluir seus trabalhos. Restou tempo, inclusive, para discutir sobre hábitos alimentares e fazer associações entre a mensagem principal transmitida pelo depoimento que havia sido trabalhado e as expressões em Inglês *“Eating diseases”, “Skipping meals”, “Overweight”, etc.*

Nos encontros seguintes, a rotina de traduções foi mudada pela exibição de um episódio da terceira temporada da série americana *“Modern Family”* com o qual iríamos trabalhar durante as duas últimas aulas da sequência didática. A série, que começou a ser transmitida em 2009, tem renovado temporadas desde então, abordando temas atemporais, entre eles, o principal, a diversidade. Apesar do sucesso da produção, os alunos admitiram não conhecê-la e pouquíssimos revelaram o hábito de assistir séries.

Cada episódio da série tem duração de, em média, 22 minutos, razão pela qual precisamos dispor de mais tempo para a realização da atividade. O episódio foi exibido sem intervalos, com legendas em Inglês e ao passo que as cenas despertaram a curiosidade dos alunos, emergiram também algumas dificuldades, já previstas, quanto à língua e a agilidade das legendas, que foram discutidos ao final da exibição do vídeo.

Sanados os questionamentos, nos voltamos novamente para o episódio em si, as situações, os personagens e para momentos em que são utilizados coloquialismos, linguagem informal. O intuito era de conscientizá-los de que se tratavam de expressões que muito se

distanciam do Inglês do modo que aprendemos, regular, polido e gramaticalmente perfeito e que, se fossem traduzidas literalmente não fariam sentido algum aos interlocutores em um diálogo real.

No segundo momento, trabalhamos com uma cena de aproximadamente 4 minutos do mesmo episódio da série “*Modern Family*”, que foi reexibida para a turma. Foram formados, então, grupos de quatro alunos e cada um deles recebeu um material contendo a transcrição das legendas da cena exibida e um glossário para fins de tradução de forma coletiva. O momento da leitura dos diálogos traduzidos para o Português foi uma oportunidade produtiva, pois todos os grupos puderam comentar e refletir sobre suas escolhas lexicais e semânticas.

4.2. Resultados e discussões:

Os resultados identificados após o estabelecimento de uma rotina didática com ênfase em atividades de tradução da Língua Inglesa foram interpretados do ponto de vista da avaliação contínua e formativa, que possui caráter processual e tem como característica auxiliar o aluno na sua aprendizagem. O acompanhamento feito do envolvimento do aluno com as atividades propostas, a devolução dos registros escritos com a devida correção e o *feedback* dado mediante a sua participação oral, sem a atribuição de pontuações típicas do sistema convencional, contribuíram para que o aluno refletisse sobre o seu próprio desempenho.

A aplicação da sequência didática que ajudou a compor essa pesquisa não conduziu o alunado a um modelo de tradução, mas o conscientizou sobre a possibilidade da sua realização no âmbito da sala de aula, mesmo quando há conhecimento de limitações. Afinal, conforme Souza (1998) *apud* Buzzetti (1987):

É bem verdade que não existe tradução perfeita, do mesmo modo que não existe comunicação perfeita, ou absoluta. Toda comunicação humana é limitada, mas normalmente é satisfatória para atingir seus objetivos. Comunicação limitada, parcial, não significa, contudo, comunicação ilusória ou falsa. Do mesmo modo, também não pode haver tradução perfeita. Toda tradução é parcial, limitada (mas nem por isso ilusória), podendo, porém, ser aperfeiçoada. (IDEM, IBIDEM, p.58)

Inserida na macroesfera do contexto escolar e sem a preocupação em obter uma classificação de acordo com as habilidades demonstradas, a maior parte desse público pode extrair dos textos em Língua Inglesa com os quais tiveram contato as ideias que neles eram veiculadas. Analisando ser esse o princípio fundamental de uma tradução, retransmitir uma mensagem em uma língua diferente e, assim, cumprir o papel comunicativo, considero ter sido atingida a meta essencial da presente pesquisa.

É interessante e, até mesmo, reconfortante observar que as atividades empreendidas durante essa sequência foram capazes de promover a ampliação do vocabulário dos estudantes envolvidos na pesquisa, além de aprimorar suas habilidades de compreensão da língua estrangeira, porém detectar o sólido nível participativo dos alunos em todas as etapas da pesquisa, bem como o estreitamento da relação deles com aspectos linguísticos e culturais pertinentes à Língua Inglesa é corroborar com Luckesi (2013, p.94) quando o mesmo autor afirma que “o momento de aferição do aproveitamento escolar não é o ponto definitivo de chegada, mas o momento de parar para observar se a caminhada está ocorrendo com a qualidade que deveria ter”.

Apesar de a tradução ser um recurso tradicional, é simples constatar que nem a sua utilização e nem mesmo as aulas de Língua Estrangeira transcorrem mais como há décadas atrás. A introdução das novas tecnologias da informação no nosso cotidiano deu caráter dinâmico ao acesso ao conhecimento, possibilitando, inclusive, a criação de outras estratégias e habilidades no momento de traduzir com a utilização de aplicativos. O aumento da participação da sociedade em eventos digitais reforça a tendência à apropriação do uso dessas plataformas, segundo Braga (2013):

A criação de redes sem fio (wireless) teve como impacto ampliar a circulação dessas novas práticas letradas, já que flexibilizou as formas e facilidades de acesso. Novos tipos de máquinas (smartphones, notebooks, netbooks e ipads) que o usuário pode levar consigo para os diferentes lugares nos quais circula, tornaram ainda mais imprecisas e difusas as barreiras de tempo e espaço. (p.39)

Torna-se importante enfatizar que o intuito dessa investigação não foi classificar o quão bom ou ruim é a tradução enquanto instrumento didático, mas verificar as suas potencialidades dentro do ensino de LI, compartilhar as concepções teórico-metodológicas

que apontam para a eficácia da tradução na sala de aula e os subsídios que ela oferece para o trabalho nesta área do conhecimento como forma de expandir a discussão relativa a esse recurso pedagógico.

5.CONCLUSÃO:

Ao nos defrontarmos com o fim dessa pesquisa, reafirma-se que o professor é um frequente pesquisador em busca de respostas que satisfaçam as suas inquietações acerca do objeto pedagógico de sua curiosidade. Nesse artigo, vimos que a tradução desempenhou o papel de foco central na didática da Língua Inglesa, assumindo múltiplas funções no processo de ensino e aprendizagem da referida língua e servindo como base para as diversas experiências proporcionadas por uma investigação desenvolvida ao longo de quatro meses.

Diante de tais experiências, podemos responsabilizar a tradução por destituir o aluno do papel de receptor e promovê-lo a produtor, sujeito ativo e competente, que faz uso do seu conhecimento prévio e de habilidades adquiridas com a própria prática. E após torná-lo protagonista, aprofundar o seu conhecimento linguístico, despertá-lo para a existência de uma cultura intrínseca à língua, conscientizá-lo de que traduções não são herméticas, desenvolver seu senso crítico e, desse modo, colaborar com uma educação para além dos muros da escola.

São, precisamente, eventos assim que justificam o uso desse instrumento pedagógico em sala de aula, muito embora haja correntes contrárias à sua utilização. Cientes disso, não será apregoada a defesa pela incorporação dessa ferramenta às metodologias adotadas por professores de língua estrangeira, porém será, sim, dada a devida importância a esse recurso didático que possibilita a aprendizagem de Língua Inglesa na educação básica.

6. REFERÊNCIAS:

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Principios)

BASSNETT, Susan. **Reflections on Literature**. Topics in translation. Multilingual Mattes, UK., 2011.

BRAGA, Denise B. **Ambientes Digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2013.

DUARTE, D.K.F.; PONTES, V.O. **A tradução como recurso para o ensino da diversidade da língua estrangeira**. Línguas & Letras. Paraná, v.17, n.35, 2016. p. 4-15

FREITAS, E.C.; PRODANOV, C.C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

GIESTA, Letícia C. **A tradução como estratégia no ensino de língua inglesa em cursos de licenciatura**. Cultura & Tradução. João Pessoa, v.1, n.1, 2011. P.1-9

GODOY, Arlinda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa. Tipos Fundamentais**. Revista de Administração de Empresa. São Paulo. Mai/Jun 1995.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de Pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Editora Rocco. Rio de Janeiro. 2004

HURTADO ALBIR, Amparo. Abordagens Teóricas. Universidade Autônoma de Barcelona, in: edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/27073/mod_resource/content/1/Hurtado.pdf acessado em 10/09/2017, às 12:09.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica** - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LEFFA, V. (1988) “Metodologia do ensino de línguas” In: BOHN H. I; VANDRESEN, P. **Tópicos em lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis, Ed. da UFSC, p. 211-236.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 19 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MEC/SEB. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Conhecimentos de Línguas Estrangeiras. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2006.

RIDD, Mark D. Out of exile: A new role for translation in the teaching/learning of foreign languages. In: SEDYCIAS, J. (org.) **Tópicos em linguística aplicada 1/Issues in applied linguistics 1**. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da Universidade de Brasília/Editora Plano, 2000. p.121-148

_____, Mark D. Tradução, Consciência Crítica da Linguagem e Relações de Poder no Ensino de Línguas Estrangeiras In: **I Simpósio Internacional de Análise de Discurso Crítica**. UnB – Denize Elena Gracia da Silva. (Org.) Brasília, 2005. p.1-8

RIVERS, Wilga M. **A Metodologia do Ensino de Línguas Estrangeiras**. Tradução de Hermínia S. Marchi. São Paulo: Pioneira, 1975.

RICHARDS, J. & RODGERS, T. **Approaches and methods in language teaching**. 2ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Linguística Aplicada à Tradução: Algumas relações**. Alfa. São Paulo. 1996. Pp.179-186.

SABBÁ GUIMARÃES, Newton. **Tradução de sua Importância e Dificuldades**. Reflexões sobre a filosofia da tradução. Curitiba. Juruá. 2010

SOUZA, José Pinheiro de. **Teorias da Tradução: Uma Visão Integrada**. In. Revista de Letras. Nº 20. Vol. 1/2, jan-dez. Ceará: Universidade Federal do Ceará, 1998, P. 51-67.

VENUTTI, Lawrence. **Translation as a Social Practice: Or, the Violence of Translation**. *Translation Perspectives* 9 (1996): pp.195-213.

